

Reservas baixas preocupam

"As reservas cambiais brasileiras estão muito baixas, a níveis preocupantes". A afirmação foi feita ontem pelo diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, que não quis divulgar os níveis da reserva neste final de ano.

Ontem, o Brasil transferiu, do Banco de Compensações Internacionais para o Citibank, de Nova Iorque, US\$ 357 milhões relativos aos juros da nossa dívida com bancos privados comerciais de primeiro de outubro a 15 de dezembro último. Além dessa remessa, em 11 de janeiro deverá ser transferida nova quantia, totalizando Cz\$ 714 milhões.

Em agosto deste ano, as reservas cambiais, segundo dados divulgados pelo Banco Central, eram de US\$ 4.119.500.000,00. De lá para cá, como contou Freitas, foram pagas importações, remetidos dividendos para pagamento de juros com agências bilaterais, agências de crédito, e foram pagas parcelas do Fundo Monetário Internacional, estas últimas no valor de US\$ 700 milhões, entre outras coisas.

Os três primeiros meses do ano são, tradicionalmente, um período em que as exportações são muito poucas. "Minha tarefa é armar uma estratégia para que consigamos sobreviver a estes três meses", disse o diretor da Área Externa do Banco Central.

Carlos Eduardo de Freitas não negou a hipótese de que nossas reservas estejam, hoje, por volta dos US\$ 2 bilhões. Com as transferências já previstas para o início do ano e mais o pagamento de US\$ 1 bilhão em junho, para completar o levantamento da moratória, a situação ficará ainda mais complicada. O Brasil, na verdade, já

viveu situações piores. Em 1985, por exemplo, a reserva chegou a US\$ 3 bilhões negativos. Em junho deste ano, quando o ministro Dílson Funaro deixou o Governo, as reservas estavam em US\$ 3,2 bilhões.

Para solucionar este problema, a saída indicada por Freitas foi o aumento das exportações. Para ele, "não tem sentido se pensar em uma nova maxidesvalorização do cruzado, já que a taxa cambial está equilibrada, seguindo o IPC, e a medida iria encarecer as importações à toda". A previsão é de que, em 1988, haja um superávit comercial de US\$ 9,6 bilhões, "o que não resolve o problema", segundo Freitas. Para ele, a alteração determinada pelo ministro da Fazenda nos incentivos à exportação, como fim da isenção do faturamento das empresas do pagamento de imposto, pode provocar maiores dificuldades à recuperação das reservas cambiais. Tudo isso representa para o Brasil um acréscimo nas dificuldades para a negociação da dívida externa.

Declínio

A posição das reservas internacionais do País poderá fechar o ano em valor inferior aos US\$ 4,585 bilhões registradas o ano passado, a despeito da moratória, que reduziu em US\$ 4,0 bilhões o pagamento dos juros, e da ocorrência de um superávit comercial na faixa dos US\$ 11,0 bilhões.

Mesmo assim, ao longo do ano a posição das reservas vem crescendo, tendo se ampliado de US\$ 3,221 bilhões em março, um mês após a decretação da moratória, para US\$ 3,770 bilhões em julho e mais recentemente para US\$ 4,1 bilhões, segundo Carlos Eduardo de Freitas.